

*Açorianidade e Insularidade* correspondeu plenamente às minhas expectativas iniciais sobre o curso. Após a sua frequência, conheço melhor a produção literária do arquipélago açoriano e, de forma implícita, a cultura, as condições socioeconómicas e o passado histórico daquela região. Ao mesmo tempo, contribuiu para aprofundar conhecimentos da área da teoria da literatura através da exegese de textos de autores açorianos.

O curso começou com uma introdução ao mito da Atlântida, explorando-se as suas potenciais ligações aos Açores. Em seguida, aflorou-se a *questão da literatura açoriana* a partir da obra homónima de Onésimo Teotónio Almeida. O curso prosseguiu com três sessões, orientadas por outros tantos oradores, dedicadas aos nomes maiores (ou, pelo menos, com maior projecção) da literatura dos Açores: Antero de Quental (e, por oposição, Teófilo Braga), Roberto Mesquita e Vitorino Nemésio. Em conjunto, estas sessões iniciais ajudaram para enquadrar as restantes: ao mesmo tempo que se apresentava (parte d) a obra destes autores, começava-se a antever, desde logo, as influências ao nível dos temas e do estilo nos autores que viriam a constituir o restante do *corpus* a estudar no curso.

Nas sessões seguintes, procedeu-se ao estudo de várias obras de diversos autores açorianos pela análise crítica de textos seleccionados. De Daniel de Sá a Dias de Melo, passando por Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Onésimo Teotónio Almeida, José Martins Garcia, sem esquecer a poesia de Emanuel Félix. A pretexto das suas obras, desenvolveram-se conceitos de intertextualidade, do peritexto ao hipertexto; aprofundaram-se as noções de género textual, como as diferenças entre conto, novela e romance, a definição de crónica, afinidade e distinção entre *bildungsroman*, romance de aprendizagem, de formação e de educação; consolidaram-se noções tipológicas sobre sátira, paródia, ironia e humor.

Na última sessão lectiva, tentou-se responder à questão levantada no início do curso: “como denominar a literatura açoriana?”, sendo que esta pergunta, como bem aponta Onésimo Teotónio Almeida, é em si contraditória, pois pressupõe uma realidade que, em rigor, questiona. A questão ficou em aberto. A sua resposta depende de posições políticas e/ou teóricas de base que condicionam a argumentação a favor ou contra tal denominação. Menos polémica, é, porém, a existência de uma inspiração, de uma matriz açoriana que condiciona os autores nascidos naquelas ilhas, marcando indelevelmente a sua produção literária.

---